

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

A SOCIOLOGIA E AS QUESTÕES INTERPOSTAS AO DESENVOLVIMENTO HUMANO



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

(Organizador)

A Sociologia e as Questões Interpostas ao Desenvolvimento Humano

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S678	A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-535-8 DOI 10.22533/at.ed.358191408 1. Ciências sociais. 2. Comportamento humano. 3. Desenvolvimento humano. 4 Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. CDD 300
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A **Sociologia e as questões impostas ao desenvolvimento humano**, coletânea de dezoito capítulos de pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute o desenvolvimento humano e seus desdobramentos por meio da sociologia.

Partindo para as temáticas impressas nos capítulos aqui reunidos, temos desde contribuição que versa sobre o pensamento de Weber, passando por cultura e tradução e alcançando análises sobre literatura, língua, linguagem, discurso, regionalismo e nacionalidade. As relações sociais também encontram espaço na presente obra a partir da figura do casamento, bem como da relevância da dança como recurso para o ensino infantil.

Permanecendo nos discursos, mas agora na denúncia de abusos, decorrentes do não reconhecimento das outridades, há colaborações que evidenciam a violência perpetrada por meio de práticas machistas, da exploração de crianças devido a invisibilidade social e da denúncia ao assédio sofrido. O papel da mulher no espaço público, notadamente no cenário político, é apresentado como condição de autonomia feminina que, movida pelos seus interesses, pelo seu querer, dita as regras de suas ações, de sua vida.

Convidamos a todos a experimentar as leituras deste volume que é composto pelas seguintes participações:

- **MAX WEBER FRAGMENTADO: ANÁLISE SOBRE A IMPORTAÇÃO SECCIONADA DE IDEIAS INTELECTUAIS**, de Márcio José Rosa de Carvalho;
- **CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA**, de Paulo Gerson Rodrigues Stefanello;
- **COMPREENDENDO O OLHAR DO USUÁRIO SOBRE A LÍNGUA: MITOS IDEOLOGICAMENTE E CULTURALMENTE SITUADOS**, de Maressa de Jesus Evangelista e Glória Dias Soares Vitorino;
- **MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS**, de Danúbia Aline Silva Sampaio e Jairo Venício Carvalhais Oliveira;
- **DESIGUALDADE E CIÊNCIA: O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS**, de Carla Andréia Schneider e Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti;
- **DISCURSO JORNALÍSTICO E DESIGUALDADE SOCIAL: CONTEXTOS E IMPLÍCITOS EM EXPRESSÕES MULTIMODAIS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO**, de Deborah Gomes de Paula e Regina Célia Pagliuchi da Silveira;
- **NÃO SOMOS RACISTAS: A NEGAÇÃO DO RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA CORPORATIVA BRASILEIRA**, de Daniele de Oliveira;
- **O RELATOR E A ENCENAÇÃO DO MÚLTIPLO: ANÁLISE DOS ATORES**

DISCURSIVOS E DA GESTÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA NO DISCURSO JURÍDICO, de Adriana do Carmo Figueiredo;

- **CONTORNOS DE UMA VIDA A PARTIR DE UM DISCURSO DE POSSE**, de Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis;
- **O CORPO EM ESTADO DE POESIA: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS**, de Olga Valeska Soares Coelho;
- **LITERATURA EM QUADRINHOS: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSONAGEM “DESEJO”, DE NEIL GAIMAN**, de Carolina Casarin Paes;
- **A TURMA CAIPITA DE CORNÉLIO PIRES: REGIONALIDADES E MÚSICA CAIPIRA NO DEBATE DA NACIONALIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**, de Lays Matias Mazoti Corrêa;
- **CASAMENTO NO SÉCULO XXI: RELEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**, de Laís Marina de Souza;
- **A DANÇA COMO RECURSO DIDÁTICO PSICOMOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA E DA DESCOBERTA DO CORPO NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**, por Carlos Alexandre Borges de Lima e Maria do Perpétuo Socorro Bandeira Moraes;
- **RELATOS DE VIVÊNCIAS MACHISTAS**, por Loriane Trombini Frick, Bruno Barbosa de Souza, Leidyane Tiberio Neves, Karianny Aparecida Gerotto del Mouro, Alysson Mateus Rabelo Kiessow, Ígor Prochnow e Joyce Coldebella;
- **POLÍTICA SOCIAL, DIREITOS E CIDADANIA NO CAPITALISMO: (IN) VISIBILIDADE SOCIAL DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ-MT**, por Leila Chaban;
- **#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO**, por Magall Simone de Oliveira; e
- **RECRUTAMENTO E CARREIRAS POLÍTICAS EM SERGIPE: LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA**, por Vanderson de Gois Santos.

Tenham excelentes diálogos!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MAX WEBER FRAGMENTADO: ANÁLISE SOBRE A IMPORTAÇÃO SECIONADA DE IDEIAS INTELECTUAIS	
Márcio José Rosa de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.3581914081	
CAPÍTULO 2	16
CULTURA E TRADUÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA	
Paulo Gerson Rodrigues Stefanello	
DOI 10.22533/at.ed.3581914082	
CAPÍTULO 3	24
COMPREENDENDO O OLHAR DO USUÁRIO SOBRE A LÍNGUA: MITOS IDEOLOGICAMENTE E CULTURALMENTE SITUADOS	
Maressa de Jesus Evangelista Glória Dias Soares Vitorino	
DOI 10.22533/at.ed.3581914083	
CAPÍTULO 4	36
MÍDIA, LINGUAGEM E EXCLUSÃO: A DESIGUALDADE SOCIAL POR MEIO DA PREDILEÇÃO DE USOS LINGUÍSTICOS	
Danúbia Aline Silva Sampaio Jairo Venício Carvalhais Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914084	
CAPÍTULO 5	52
DESIGUALDADE E CIÊNCIA: O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS	
Carla Andréia Schneider Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti	
DOI 10.22533/at.ed.3581914085	
CAPÍTULO 6	64
DISCURSO JORNALÍSTICO E DESIGUALDADE SOCIAL: CONTEXTOS E IMPLÍCITOS EM EXPRESSÕES MULTIMODAIS DE TEXTOS JORNALÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DO ESCÂNDALO	
Deborah Gomes de Paula Regina Célia Pagliuchi da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914086	
CAPÍTULO 7	76
NÃO SOMOS RACISTAS: A NEGAÇÃO DO RACISMO NO DISCURSO DA MÍDIA CORPORATIVA BRASILEIRA	
Daniele de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3581914087	

CAPÍTULO 8	88
O RELATOR E A ENCENAÇÃO DO MÚLTIPLO: ANÁLISE DOS ATORES DISCURSIVOS E DA GESTÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA NO DISCURSO JURÍDICO	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.3581914088	
CAPÍTULO 9	101
CONTORNOS DE UMA VIDA A PARTIR DE UM DISCURSO DE POSSE	
Pollyanna Júnia Fernandes Maia Reis	
DOI 10.22533/at.ed.3581914089	
CAPÍTULO 10	110
O CORPO EM ESTADO DE POESIA: A APREENSÃO CORPORAL DAS LINGUAGENS POÉTICAS	
Olga Valeska Soares Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.35819140810	
CAPÍTULO 11	118
LITERATURA EM QUADRINHOS: CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSONAGEM “DESEJO”, DE NEIL GAIMAN	
Carolina Casarin Paes	
DOI 10.22533/at.ed.35819140811	
CAPÍTULO 12	128
A TURMA CAIPIRA DE CORNÉLIO PIRES: REGIONALIDADES E MÚSICA CAIPIRA NO DEBATE DA NACIONALIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Lays Matias Mazoti Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.35819140812	
CAPÍTULO 13	142
CASAMENTO NO SÉCULO XXI: RELEITURA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	
Laís Marina de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.35819140813	
CAPÍTULO 14	153
A DANÇA COMO RECURSO DIDÁTICO PSICOMOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CRIATIVA E DA DESCOBERTA DO CORPO NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Carlos Alexandre Borges de Lima	
Maria do Perpetuo Socorro Bandeira Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.35819140814	
CAPÍTULO 15	165
RELATOS DE VIVÊNCIAS MACHISTAS	
Loriane Trombini Frick	
Bruno Barbosa de Souza	
Leidyane Tiberio Neves	
Karianny Aparecida Gerotto del Mouro	
Alysson Mateus Rabelo Kiessow	
Ígor Prochnow	
Joyce Coldebella	
DOI 10.22533/at.ed.35819140815	

CAPÍTULO 16	179
POLITICA SOCIAL, DIREITOS E CIDADANIA NO CAPITALISMO: (IN)VISIBILIDADE SOCIAL DA EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE CUIABÁ-MT	
Leila Chaban	
DOI 10.22533/at.ed.35819140816	
CAPÍTULO 17	193
#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO	
Magali Simone de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.35819140817	
CAPÍTULO 18	209
RECRUTAMENTO E CARREIRAS POLÍTICAS EM SERGIPE: LUGAR DE MULHER É NA POLÍTICA	
Vanderson de Gois Santos	
DOI 10.22533/at.ed.35819140818	
SOBRE O ORGANIZADOR	224
ÍNDICE REMISSIVO	225

#PRIMEIROASSÉDIO: AS CICATRIZES DO SEXO IMPOSTO EXPOSTAS NAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA DE COMBATE AO ESTUPRO

Magali Simone de Oliveira

Doutoranda em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais Cefet-MG, Belo Horizonte, Minas Gerais

RESUMO:#Primeiro Assédio: cronotopos metálicos de uma nova narrativa biográfica?

No dia 23 de outubro de 2015 uma das participantes da primeira edição do programa infantil *MasterChef*, Valentina, de apenas 12 anos, foi alvo de pedófilos que usaram o *twitter* para fazer declarações machistas do tipo “Se tiver consenso é pedofilia?” Em reação a estas postagens, a *think thank @ThinkOlga* desafiou mulheres a postarem por meio da *hashtag #primeiroassédio* os primeiros episódios de assédio sexual que sofreram. A ideia desse artigo é entender se estes relatos podem ser rotulados como o que é chamado por Orlandi (2004) de “memória metálica” e, deste modo, ajudar de forma efetiva a criar novas narrativas feministas capazes de mudar esta cultura do assédio? É possível, do ponto de vista da análise do discurso, considerar relatos tão fragmentados como autobiográficas?

PALAVRAS-CHAVE: #primeiroassedio; nova narrativa feminista; redes sociais

#FIRST-SEXUALHARASSMENT: THE SCARS OF THE SEX IMPOSED EXPOSED IN SOCIAL NETWORKS AS A DISCURSIVE STRATEGY TO COMBAT RAPE

ABSTRACT: On October 23, 2015, one of the participants of the first edition of the *MasterChef* children’s program, Valentina, only 12 years old, was targeted by pedophiles who used *twitter* to make sexist statements such as “If there is a consensus, is pedophilia?” In relation to these postings, the think tank *@ThinkOlga* challenged women to post by means of the hashtag *# first* on the first episodes of sexual harassment they suffered. The idea of this article is to understand if these reports can be labeled as what is called by Orlandi (2004) of “metal memory” and, in this way, to effectively help create new feminist narratives capable of changing this culture of harassment? Is it possible, from the point of view of discourse analysis, to consider reports as fragmented as they are autobiographical?

KEYWORDS: #first-sexualharassment; new feminist narrative; social networks

1 | INTRODUÇÃO: #PRIMEIROASSÉDIO: O GRITO DAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL GANHA ÀS REDES SOCIAIS

Em outubro de 2015, mês tradicionalmente dedicado às crianças, a menina Valentina de 12

anos, viu morrer seu sonho de ser a melhor *chef* infantil do programa *Master Chef* da TV Bandeirantes^b ser calado pela publicação de frases de pedófilos em várias redes sociais, principalmente, pelo *Twitter*, expondo a garota aos seus desejos doentios.

Os comentários publicados evidenciaram não só a face obscura de uma sociedade que ainda vê o corpo feminino como objeto para o uso dos homens (com ou sem consentimento, mas também um pouco do perfil de “cidadãos”, que, ao expor livremente seus desejos, constroem enunciados que refletem representações sociais de como o corpo da mulher, não importa a idade, ainda é usado por “machos”, no momento e da forma que eles desejam.

Valentina, como muitas, foi “punida”, por sua beleza e pelo desejo que provocou nos pedófilos. O sonho de ser a melhor *chef* infantil da tevê brasileira terminou no dia 27/10/2015, porque pais e produtores do programa entenderam que ela precisava ser protegida dos assédios. Os pais decidiram ainda não entrar com processo de indenização ou ação criminal contra os pedófilos.

O drama, no entanto, deixou indignadas mulheres como Juliana de Faria, que, no dia 26/10/2015, durante o evento *Technology, Entertainment, Design (TED)^cX*, em São Paulo, contou a uma plateia de mais de 450 pessoas o assédio que havia sofrido aos 11 anos. A partir daí, decidiu criar a página no twitter *Think Thank Olga e a @primeiroassédio* que incentivava mulheres de todo o país a denunciarem em 140 caracteres como foram constrangidas sexualmente, fisicamente ou psicologicamente pela primeira vez.

A campanha surtiu efeito. No site *lugardemulher.com.br/primeiroassedio*, do dia 26 ao 31 de outubro, a *hashtag* foi replicada 82 mil vezes entre *twittes e retwittes^d*.

Os relatos incentivaram outras mulheres a usarem as redes sociais como o *Facebook*, também com o nome *@primeiroassedio* para também narrar, não só a primeira vez em que foram assediadas, mas casos de estupro, de abusos em ônibus, em metrô, ou situações em que as agressões partiram de chefes, amigos, parentes ou namorados.

O drama de Valentina e o sucesso da *#primeiroassedio*, no *Twitter* e no *Facebook* ganharam as páginas não só dos jornais brasileiros, mas também da imprensa internacional. O site da BBC de Londres reproduziu relatos de vários homens e mulheres.

De cabeça, Juliana conta pelo menos três casos durante a infância e a adolescência em que sofreu assédio sexual. Aos 11 anos quando ouviu comentários sexuais na rua; aos 13, quando um homem a prensou em uma estação do metrô de São Paulo e disse que ia “comê-la”; aos 14 anos quando foi perseguida em uma festa por não querer beijar um homem mais velho. E ela ressalta que está longe de ser a última a ter histórias para contar. (site BBC, 22/10/2015).

Para Juliana, a iniciativa serviu para mostrar que o assédio não pode ser visto “apenas como estupro”. Ela lembrou que fazem parte do discurso masculino brasileiro

entender a “cantada”, mesmo as constituídas por palavras “chulas” como uma questão cultural, aceita pela maioria das mulheres.

De acordo com a autora da *#primeiroassédio*; a discussão nas redes sociais deu voz às vítimas que, muitas vezes, não entendiam a dimensão do que tinham sofrido.

O que a gente vem discutindo com a *#primeiroassédio* é que quando a gente fala de pedofilia, as pessoas entendem como uma coisa, pesada, distante. Não! As sementes dessa barbárie também estão em ações que parecem pequenas e insignificantes como *Twitters, disse, citando o caso Valentina*. (site BBC, 22/10/2015).

Na página *#primeiroassédio* do *Facebook*, milhares de anônimos e celebridades expuseram as primeiras violências físicas e psicológicas de cunho sexual que sofreram. O relato abaixo é de uma internauta, que para preservar o anonimato identificou-se apenas como *#meuprimeroassedio*.

Olá! Gostaria de não ser identificada. Quando tinha quatro anos, na sala de aula, estava brincando com um coleguinha dois anos mais velho. Quando vi, ele já estava com os dois dedos dentro da minha calcinha, me tocando e fazendo cara de safado. Quando contei para minha mãe, ela imediatamente foi a escola, e, logo essa brincadeira parou.[...] Mas por favor, acreditem nas suas filhas. Vocês não sabem o quanto isso ajuda seus filhos a lidar com o psicológico (*#meuprimeroassedio*, página do *Facebook#primeiroassedio*, 22/10/2015)

2 | AS NARRATIVAS DE VIDA COMO FORMA DE “EMPODERAR” A MULHER MASSACRADA

O silêncio das vítimas de assédio e violência sexual esconde uma realidade cruel. Pesquisa do Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada (IPEA)^e revela que a cada ano, pelo menos cinco mil mulheres são assassinadas no Brasil; sendo a maior parte por seus companheiros ou cônjuges^f.

Outra pesquisa, do mesmo instituto, que teve como *corpus* a violência sexual, revelou que 26,6% dos brasileiros acreditam que as mulheres que usam roupas “sexys” merecem ser estupradas^h.

A análise dos fragmentos de narrativas de vida de Juliana, a criadora da *#primeiroassédio*, revela que, tal como acontecia com as índias e as escravas no período colonial, as adolescentes são expostas muito cedo ao medo de serem estupradas:

(i) Aos 11, [...]joviu comentários sexuais na rua; (ii) aos 13 anos, um homem a “prensou” em uma estação no metrô de São Paulo e disse que iria “comê-la”, (iii) aos 14; foi “perseguida” por “não querer beijar” um homem mais velho.

Sob a lógica narrativa de Charaudeau (2012); ao narrar uma agressão da qual foi vítima; Juliana se torna uma autora/escritora, ou seja, objetiva defender um projeto de escrita baseado nas suas vivências individuais e coletivas e convoca o leitor possível.

No projeto de escritura de Juliana fica claro que ela, a princípio, exerce o papel

de uma *actante* passiva: a vítima. De acordo com Charaudeau (2012), os *actantes* são os agentes que representam ações relacionadas a ações das quais dependem.

As sequências narradas deixam claro que a trajetória da adolescente foi permeada pela ação de agentes/*actantes*/agressores, reforçando a dicotomia homem/forte; e menina/fraca, a de agressor/vítima/e a de covardia/medo. Assim, ela faz sua própria divisão de eles e nós, qualificando o outro, os homens agressores como “vilões”.

Essa qualificação reforça o ponto de vista da narradora/escritora e é fundamental para entender a “perversão” dos atos a ela impostos e expostos no seu discurso de vítima.

No enunciado [...] Aos 11, ouviu comentários sexuais na rua, fica claro a distorção entre o comportamento que socialmente se esperaria ter sido dado a uma criança, e a que supostamente teria ocorrido.

Já no enunciado (ii) a narração da autora/narradora deixa “implícito” que o *actante*/agressor ao “prensá-la no metrô” e ao anunciar “seu desejo” impôs à *actante*/vítima/Juliana seus próprios desejos, negando-lhe a possibilidade de recusa, só cabendo à menina aceitar, naquele momento, a agressão.

No último enunciado (iii); aos 14; foi “perseguida” por “não querer beijar” um homem mais velho; fica implícita a relação de ação/medo da punição. Como não aceitou o beijo, foi alvo de uma perseguição, como se estivesse sendo “punida” por seu direito em recusar uma carícia não desejada.

De acordo com Charaudeau (2012); o discurso argumentativo é constituído por uma proposta de mundo defendida por um sujeito argumentante que objetiva persuadir o sujeito alvo de que suas intenções devam ser aceitas.

O fato de as narrativas de vida de Juliana serem apresentadas em um site da BBC de Londres, portal que publica conteúdos jornalísticos imprime às tais relatos um status de verdade, imprimindo-lhes mais legitimidade.

As informações de que Juliana é a criadora da #primeiro assédio e do sucesso de sua iniciativa, divulgadas por diversos meios de comunicação, reforçam a ideia de seriedade dos discursos por ela defendidos.

Servem ainda para referendar o pedido de socorro implícito no fragmento (i) [...] quando a gente fala de pedofilia, as pessoas entendem como uma coisa, pesada, distante. A narradora parece argumentar: “pedofilia não é uma coisa distante”! Se aconteceu comigo; pode acontecer com seus filhos.

Já no fragmento (ii) As sementes dessa barbárie também estão em ações pequenas e insignificantes como um *Twitter*; a autora parece incitar a uma ação: seu filho pode ser vítima de ações insignificantes que podem ser encaradas como pedofilia. Você não vai fazer nada?

Assim, ao expor as “transgressões” e “degradações” a ela impostos, a autora tenta gerar empatia, mexer com o *pathos* de quem com ela se identifica. Assim, sua narrativa de vida serve como um argumento implícito a favor não só de Juliana; mas também de outras vítimas que passaram ou passarão por situação semelhante,

alertando: “é preciso mudar isso!”

O mesmo ocorre se analisarmos alguns dos enunciados da #primeiroassédio, postados em outra rede social, o *Facebook*, por uma enunciativa/narradora/anônima^h que se identificou apenas com o nome #*meu primeiroassédio*.

O relato foi postado na rede social pela internauta identificada desta forma, que além de relatar o assédio que sofreu na escola, também fez um apelo, dessa vez, mais explícito.

Atuando também como uma narradora/escritora, segundo Charaudeau (2012), o pedido tem a força de um apelo a todos os pais. (i) Mas, por favor, acreditem nas suas filhas. Vocês não sabem o quanto isso ajuda seus filhos a lidar com o psicológico.

O relato da narradora identificada como #*meuprimeiroassédio* deixa claro o pedido: acreditem nas suas filhas, que vai de encontro à crença que as mulheres mentiriam, exagerariam, ou seriam as provocadoras das agressões sexuais das quais são vítimas.

O argumento seria: se vocês acreditarem nas suas filhas, evitarão que elas tenham problemas psicológicos mais tarde. Assim, pela primeira vez, milhares de mulheres revelaram dolorosos fragmentos de suas narrativas de vida, questionando aspectos do comportamento do brasileiro, culturalmente, chamado como a “cantada” que, passou a ser denunciado por muitas como um tipo de assédio sexual.

3 | O USO DE FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS DE VIDA COMO ESTRATÉGIAS PARA EMBATES NAS REDES SOCIAIS

A criação da #*primeiroassédio* não serviu apenas para conscientizar e para estimular as mulheres a contar e a entender que “as cantadas”, o fato de serem seguidas nas ruas, os olhares impertinentes, os “encoxamentos” em ônibus e metrô lotados, os toques “sem ou por querer”, e, principalmente, “o sexo sem consentimento” deva ser denunciado e devidamente punido.

Serviu também para estimular a exposição do “discurso do opressor”, do homem que assedia, que violenta, que também usou a #*primeiroassédio* como forma de marcar seus pontos de vista. Assim, as redes sociais transformaram-se em um cenário de discursos conflitantes, polêmicos.

Alguns homens ironizavam a *Think thank*, chamando de “vadias”, as, vítimas de assédio e as responsabilizando pelos crimes dos quais são vítimas, como podemos constatar neste comentário: “A maioria de vocês nunca iria sofrer assédio algum se não andassem feito vadias #*primeiroassédio*”^h.

Tal discurso remete a uma das estratégias do discurso polêmico, marcado pela “oposição de discursos”, conforme apontado por Gracio (2014)^l Nesse caso; houve dois tipos de “movimentos que caracterizam, segundo a autor, o discurso polêmico: (i) a polarização” - que estabelece um campo discursivo de um “nós” (machista) e de um “eles” (feministas e aliados)- e a (ii) desqualificação do outro” - em que o “eles” passa

a ser “diabolizado”.

Estes comentários, por sua vez, receberam “críticas” e foram “compartilhados” por quem se considerou “eles” dessa batalha narrativa (as mulheres e homens solidários à causa feminista, que, por sua vez, usaram tais enunciados para “desqualificar” o discurso do “nós” (os machistas).

O contrário também aconteceu. Quem se identificou com o “nós” (os machistas), também criticou e compartilhou enunciados produzidos pelo (eles mulheres e homens que defenderam as mulheres).

Charaudeau (2012) defende a tese de que “a narrativa é um jogo de integração ou de encaixamento de histórias umas nas outras cada uma tendo seu próprio narrador”. O início do discurso do suposto fragmento de vida do cantor Roger^l apresenta-se dúbio.

Em seu primeiro fragmento (i) Acho que eu tinha dez anos”, Roger mostra que o fato, aparentemente, não o traumatizou. Ao contrário dos relatos das mulheres, marcados por datas, ele não sabe com certeza quando o episódio aconteceu. A outra expressão “(ii)[..]uma empregada me deixou pegar nos peitos dela”, remete à pré-discursos históricos na cultura brasileira.

Dá a entender a repetição da história vivida por muitos fidalgos no período colonial que abusavam “de suas escravas negras ou índias”. Em seu fragmento, Roger não explica como se deu o suposto assédio. Não fica claro se ele pediu à empregada para tocá-la, se exigiu o toque, ou se o toque lhe foi oferecido ou imposto pela mulher de sua narrativa. Dessa maneira, ele não esclarece que papel encenou nessa situação.

Foi o sujeito *comunicante/actante/agressor* ou o *sujeito comunicante/actante/vítima*, ou se poderia ser enquadrado como outro tipo de *actante* classificado por Charaudeau (2012).

Os sentimentos de prazer narrados pelo cantor durante a situação reforçam a relação entre sua narrativa de vida e a articulação de pré-discursos do “macho alfa”, do “rapaz potente”, “ávido por sexo”; disseminados na sociedade e na cultura de origem patriarcal que ainda dominam a sociedade brasileira, em tudo opostos ao tipo de assédio que causa dor, revolta, sentimento de impotência e medo nas mulheres.

É como se ao formular sua frase, ele, ao mesmo tempo, mostrasse sua individualidade, (um pouco confusa, pois no texto irônico, ele assume dois “eus”, um que diz e outro que nega o dito); e repetisse, simultaneamente, discursos repletos de preconceitos, estigmas, estereótipos machistas.

[..] Esses sujeitos que atacam mulheres, homossexuais, índios, judeus, mulheres não femininas ou sensuais pautam-se em uma visão de mundo apoiada no patriarcado, no capitalismo e no poder em geral. O excluído é produzido no discurso, seu lugar é ancorado na justiça de não poder existir. Do mesmo modo o ser mulher é produzido no discurso, e, por isso, ligado às relações de poder. (LIMA, 2015, pág. 174)

Paveau (2007)^l analisou a coletividade e transmissibilidade dos pré-discursos

e defende a ideia que tais discursos anteriores se situam na “cabeça do indivíduo”, “quanto nos ambientes exteriores”. Dessa maneira, as crenças individuais de um determinado sujeito, estão ao mesmo tempo, inseridas em um ambiente definido por um aparelho ideológico.

“Diremos, portanto, considerando um só sujeito (tal indivíduo) que a existência das ideias de sua crença é natural no sentido de suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, regulados por rituais materiais, eles próprios definidos pelo aparelho ideológico, material do qual dependem as ideias desse sujeito” (Paveau, 2007, pág 324.)

Os relatos irônicos ou que objetivam colocar em xeque a relevância de expor os casos de assédio mostram que para muitos homens a situação deve continuar a mesma. E que os discursos que defendem a manutenção do domínio sexual do homem sobre a mulher devem ser “desvalorizados”. É como se eles deliberadamente dissessem “é só choro”, “não deve ser levado a sério”.

Mas o discurso machista, aparentemente, não foi refutado apenas pelas mulheres. E a luta feminista na rede foi reforçada pelo apoio de muitos homens que postaram depoimentos de apoio à *#primeiroassédio*. Alguns deles ganharam notoriedade. Em matéria publicada no dia 29/10/2015, a revista *Veja* publicou em seu site, matéria sobre o *post* feito pelo músico Mário Feitosa, na página do *facebook* “*#primeiroassedio*’ que, em três dias, ganhou mais de 330 mil curtidas e foi replicado mais de 170 mil vezes^m.

Em seu *post*, Feitosa pede aos homens que façam um exercício de empatia e entendam os problemas causados pelo assédio sexual às mulheres.

Lembra desse papo quando nomear “vitimismo”, “mimimi”, “falta de rola”, “louça pra lavar”, enfim, os clichês que a gente conhece bem. Não precisa pensar na desconhecida não: pensa na sua mãe, sua irmã, sua companheira, sua filha... Faz o mais forte exercício de empatia do mundo, que é se colocar no lugar delas, volta aqui e me chama de “feminista”.guardo ansiosamente. (Feitosa,Facebook,26/10/2015).

4 | A INTERAÇÃO PROVOCADA PELA CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA COMO INSTRUMENTO FEMINISTA

Acriação dos TIC´sⁿ e o advento da teoria de convergência midiática transformaram radicalmente a relação entre público e conglomerados de comunicação, conforme descrito por Santaella (2008).

De acordo com essa autora, o surgimento de dispositivos que facilitaram o acesso da população aos chamados celulares com câmeras e internet, *tablets*, fizeram com que a mídia deixasse de ser massiva (muitos receptores consumindo uma única mídia de uma única forma) e se tornasse individual (a antiga audiência selecionando o que deseja ver, na hora e no momento em que deseja ver, postando seus próprios conteúdos).

Hoje, todas as mídias, tevê, emissoras de rádio, veículos impressos preocupam-se em diversificar suas publicações criando portais e conteúdos especiais para outras interfaces como *tablet*, *smartphones* e redes sociais como o *Whatsapp*, o *Twitter* e o *Facebook*.

Para Bastos e Castro (2012) as empresas de jornalismo fazem uso de diferentes formatos para aproveitarem as novas espécies de interação com receptores.

“Essa convergência tecnológica atual articula formatos, linguagens e estéticas em diversas telas, abrindo possibilidades para novos modos de interação com os receptores que, pouco a pouco, vão deixando a condição de meros telespectadores para se tornarem usuários e produtores (Bastos e Castro M.L. 2012, p.14).

O processo de convergência aumentou, segundo Bastos e Castro (2012), a interação entre as empresas jornalísticas e seu público. Hoje, com as redes sociais, qualquer um pode compartilhar uma matéria publicada no portal de um determinado jornal, elogiando-as, ou criticando-as.

Não é incomum ainda que muitas matérias dos diversos veículos tenham sido “pautadas” pela ação de grupos que divulgam eventos por redes sociais como o *Facebook* ou o *Twitter*. As autoras ressaltam também a importância desse movimento.

“Corresponder ao perfil do consumidor contemporâneo, percebido em suas interações sociais, em suas formas de consumo e em suas relações com as tecnologias do momento, ultrapassando em muito os aspectos tecnológicos e ganhando, com isso, contornos de caráter cultural e econômico”. (Castro, M. L, Duarte E, 2012 pag. 15).

Tal contexto, segundo Santaella (2008), favoreceu o que ela considerava uma utopia, como as teorias de Ben Russell, em seu Manifesto Headmap, de 1999, que defendia a tese de que as mídias da internet [...] já estavam começando a pingar no mundo real.

Com isso, além de funcionarem como exemplares mais legítimos de uma ecologia pluralista da cultura, os projetos de mídias locativas também funcionam como indicadores precisos dos dois lados antitéticos da psiquê humana que foram explorados por Freud. Em um extremo, o lado destrutivo da pulsão de morte e, no outro extremo, o lado construtivo sob a égide de Eros. É justamente esse último extremo da gangorra que os projetos estéticos de mídias locativas buscam explorar contrabalançando as forças contrárias exercidas pelo poder dissimulado do rastreamento e vigilância ubíquos. É por tudo isso que a ecologia pluralista das mídias locativas, unificada pelas forças de Eros, entre outras coisas, está nos incitando a rever e relativizar as teorias cujo pessimismo monolítico cobriu o ciberespaço e a cibercultura com premonições negras sobre a obsolescência do corpo, o colapso dos espaços geográficos e a inexorável perda de significados do passo da vida (Santaella, Revista Famecos,2008).

A disseminação dos comentários sexistas nas redes sociais sobre a aparição de Valentina no programa de TV, também parece confirmar as teorias de Lévy(1999),

que defende a tese de que, com a cibercultura, os homens não só contemplariam o espetáculo, descrito por Debord (1967),^o mas participariam dele, interagindo, dando suas opiniões, compartilhando com seus amigos, e produzindo seus próprios conteúdos.

Orlandi (2012), no entanto, considera que os *posts* do *Facebook* e de outras redes sociais constituem o que ela chama de “memórias metálicas”. Esse tipo de memória, no entanto, diz respeito à circulação de conteúdos que são replicados.

A repetição das informações divulgadas pelas mídias e pelas redes sociais teriam como “consequência” a formação “de uma rede de filiação” e não obedeceria, assim, ao conceito de “historicidade”^q. O mais importante seria conseguir maior adesão.

Como efeito de sentido, esse tipo de repetição de “memória discursiva” não poderia ter como consequência a constituição de um tipo de instância de atualizações de “sentidos”?

Na memória metálica, a significação se dá no nível da circulação. Segundo Orlandi (2010), quanto mais atualizações um internauta faz em seus perfis nas suas redes sociais, mais visibilidade o tema terá.

Então, sempre que um assunto for retomado, pode ser compartilhado e voltar a ser discutido. Mesmo se for rejeitado, a atualização faz com que ele possa ser visualizado por mais pessoas o que também faz crescer o número de adesões ou compartilhamentos.

Tal condição, não nos deixaria margem para questionar, se essa possibilidade não imprimiria mais força a um determinado enunciado que pode, inclusive, ganhar novos sentidos ao ser reconfigurado como “*memes*”, “*por exemplo*”.

Dessa forma, a adesão do sujeito a uma determinada memória não mais se relaciona a uma rede de constituição, mas a atualização e circulação. “Repetição e quantidade, em sua forma binômica” (Orlandi, 2010).

Este tipo de adesão, a princípio, no entanto, parece estar sendo útil à luta das mulheres no mundo virtual. Toda vez que alguém digita a palavra “assédio” em um site de busca como o *Google*, por exemplo, pode se deparar com informações sobre a *#primeiroassédio*, por exemplo.

A retomada mesmo que involuntária de um determinado tema, por exemplo, como quando acontece quando o *Facebook* lembra o internauta que há um ano foi postada determinada foto, não contribui de alguma forma para que as redes sociais possam ser percebidas como um lugar, ou um ambiente de denúncia, de pedido de socorro, e de luta das mulheres por seus direitos?

Embora a resposta à pergunta acima ainda não esteja clara, o certo é que, depois da *#primeiroassédio*, outros casos como o estupro coletivo sofrido no dia 21 de maio de 2016, por uma adolescente de 16 anos, no Rio de Janeiro, também gerou uma batalha discursiva semelhante à ocorrida no caso da menina Valentina e a criação de uma página “Eu sou contra a cultura do estupro”.

Novamente, mulheres e homens voltaram ao *Twitter* e ao *Facebook*. Enquanto

muitos tenham se posicionado a favor da jovem; também proliferaram comentários contrários à conduta da garota, apontada por muitos como “culpada” pelo crime a ela imputado.

Dessa vez, no entanto, a pressão dos discursos divulgados pelas redes sociais por internautas que replicavam notícias da imprensa sobre a condução do caso influenciaram na prática a vida real. A conduta do delegado responsável por apurar o caso, Alessandro Thiers, foi questionada pela advogada de defesa da vítima, Eloysa Samy Santiago, que pediu o afastamento do policial do caso.

Para a advogada; o delegado estaria tentando responsabilizar a jovem pelo estupro ao se mostrar favorável aos argumentos dos suspeitos de estupro que a acusaram de já ter praticado “sexo coletivo”, em outras ocasiões, apesar de vídeo divulgado pelos próprios acusados mostrarem a jovem pedindo para que eles parassem com a agressão.

Depois de várias publicações no *Facebook* e no *Twitter* questionarem a ação da polícia, no dia 29 de maio, Thiers foi afastado do caso e a Delegacia da Criança e do Adolescente Vítima (DCAV) assumiu a coordenação das investigações do estupro coletivo, atendo ao pedido de Eloysa.

Embora a resposta à pergunta acima ainda não esteja clara, o certo é que, depois da #primeiroassédio, outros casos como o estupro coletivo sofrido no dia 21 de maio de 2016, por uma adolescente de 16 anos, no Rio de Janeiro, também gerou uma batalha discursiva semelhante à ocorrida no caso da menina Valentina e a criação de uma página “Eu sou contra a cultura do estupro”.

Novamente, mulheres e homens voltaram ao *Twitter* e ao *Facebook*. Enquanto muitos tenham se posicionado a favor da jovem; também proliferaram comentários contrários à conduta da garota, apontada por muitos como “culpada” pelo crime a ela imputado.

Dessa vez, no entanto, a pressão dos discursos divulgados pelas redes sociais por internautas que replicavam notícias da imprensa sobre a condução do caso influenciaram na prática a vida real. A conduta do delegado responsável por apurar o caso, Alessandro Thiers, foi questionada pela advogada de defesa da vítima, Eloysa Samy Santiago, que pediu o afastamento do policial do caso.

5 | O DISCURSO FEMININO X IDENTIDADE FEMININA NO BRASIL

Um corpo bonito, com curvas abundantes, um bumbum durinho, pernas torneadas, seios siliconados, rosto jovem, sem rugas, dentes brancos, cabelos sedosos ajuda a vender cerveja, carro e outros produtos no Brasil. O discurso da publicidade normalmente associa o adjetivo “gostosa” da cerveja ao que os homens chamam de mulher “gostosa”.

E apesar da objetificação do corpo da mulher, como um instrumento de venda de bebida alcóolica, as brasileiras, ainda não fizeram nenhum movimento para que o

CONAR^s proibisse esse tipo de comercial.

A luta das mulheres contra as práticas machistas ainda enfrenta grandes obstáculos. Parte deles se dá pelo fato do machismo fazer parte da cultura de muitas mulheres.

De acordo com Possemil (2015), a verdade é que boa parte das mulheres brasileiras ainda se veem presas a discursos que defendem o mito da “mulher submissa” forjado ainda no período colonial.

Durante os séculos em que se desenrolou a colonização brasileira, o imaginário popular atribuiu qualidades aos heróis e poucas foram às mulheres que ingressaram nesse patamar. O grande modelo feminino estava eivado de qualidades surgidas na Mariologia, uma devoção que mostra a Virgem Maria em suas mais diversas invocações, povoando a imaginação dos artistas coloniais.

Ainda segundo Possemil (2015), muitas mulheres ainda defendem “a cantada” como algo natural e cultural, sendo até desejável, em alguns casos.

[...há mulheres que sustentam que a cantada é assédio e mulheres que não veem nada de mal em serem cantadas (ouvirem “gostosa” de operários em obras e até mesmo enunciados mais agressivos como “vou te passar o rodo”) como consideram que tais cantadas devam ser “curtidas” e que mulheres, “no fundo” gostam de ser desejadas e que, portanto, não se trata de assédio. O discurso que valoriza a cantada é certamente o de mais longa duração que o de sua avaliação como assédio, estreitamente ligado aos outros discursos politicamente corretos Possenti, 2015, pág 57.)

Os discursos que apresentam a beleza feminina como atributo da mulher sem inteligência, mas com astúcia suficiente para usar seu poder de sedução para conseguir aquilo que deseja ainda permeiam o imaginário feminino brasileiro. De acordo com Possenti (2015), o imaginário feminino brasileiro atual ainda estaria impregnado da necessidade premente de ser, sobretudo, bela e agradar ao homem, necessidade essa que pode também ser interpretada como uma espécie de submissão (grifo meu).

Faço uma observação pouco documentada, mas relevante: por mais moderna e “feminista” que seja uma mulher, é raro que não se preocupe com sua beleza ou com sua apresentação (e com diversos corolários, como o envelhecimento, e, que, de alguma forma, não controlado de diversas, que, por si só, mereceriam estudos) [...]. (Possenti, 2015, pág.55).

Para Ribeiro(2007), a própria história da colonização criou uma “cultura do estupro”; e uma identidade da mulher brasileira ligada à sexualidade e à etnia. As índias, segundo o autor, por exemplo, remetiam “à figura de Eva”, ‘nuas’, “inocentes, ou de ninfas que fugiam do assédio dos faunos europeus”; as escravas que, por sua vez, ainda conforme o pesquisador, “tinham ao mesmo tempo três papéis: a escrava subserviente, a mãe-preta e a amante”.

Já as mulheres brancas, ainda conforme RIBEIRO (2007) são condenadas a

seguir as leis de Deus e da Igreja. “[...criadas à imagem e semelhança de seu senhor, seria a companheira ideal para o fortalecimento de uma sociedade patriarcal, em que a autoridade do Estado encontraria reforço para a dominação da ideologia dominante]”

Numa sociedade em que “não existe pecado no lado de baixo do equador, que induz ao “pecado rasgado, suado”, não se imputa, pois, ao universo masculino culpa por ter relações sexuais com a negra, com a índia, ou a prostituta, embora os jesuítas lutassem para que esta licenciosidade não imperasse. Essas mulheres são objeto de posse de seus senhores e desfrutáveis não entra para o rol dos interditos, Não são elas possíveis de serem consideradas mulher do próximo. São bens de livre circulação entre os parceiros, numa liberação possibilitada pelo tempo orgíaco da festa. (RIBEIRO, 2007, pág. 149).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na mitologia grega, as sereias eram metade peixe e metade mulheres, belas e encantadoras que, com seu canto irresistível, atraíam os navegadores, seduzindo-os, enfeitando-os, fazendo-os afogarem-se no turbilhão dos próprios desejos. Outras mitologias, como a Gênese, descrita no antigo testamento e fundadora do discurso criacionista, exploram a sedução feminina como algo indesejável, perigoso.

Eva teria seduzido Adão e o convencido a provar da maçã, fruto do saber, tornando-se assim, culpada pela expulsão da humanidade do paraíso, o que reforçaria a ideia de que as mulheres são burras, insensatas, mas, perigosamente, sedutoras.

Os homens, de acordo com estes dois mitos seriam, assim, vítimas da sedução feminina e, dessa maneira, isentos da responsabilidade pelos desatinos que cometem. A culpa continua a cair sempre sobre os ombros das bruxas que, ainda acenderiam à fogueira que já consumiu tantas e que, certamente, consumirá ainda milhares de mulheres, em todo o mundo.

A voz feminina, assim, é perigosa, fatal como o canto das sereias ou os argumentos de Eva capazes de induzir Adão a ignorar as regras estabelecidas por um deus poderoso e vingador.

Dessa forma, as mulheres que não reclamam de suas dores, que abrem mão do prazer sexual, mesmo quando parem filhos de deuses, como Maria, são consideradas boas, santas, puras aptas a serem aceitas pela sociedade machista brasileira. A fragilidade dessas mulheres é vista, de certa forma, como uma marca de representação desejável do feminino no Brasil.

Essa ideia de fraqueza não está relacionada somente a questões psicológicas e neurofisiológicas, mas, sobretudo, a questões sociais e culturais, a valores e crenças compartilhadas por uma comunidade. Tais relações já aparecem em Aristóteles, para quem as mulheres e as crianças seriam seres incapazes de se relacionarem com o mundo sem a ajuda de uma tutoria. Entretanto, foi antes, com Platão, que a ideia de que o corpo deveria ser separado da mente, por aquele estar ligado à emoção e esta à razão surge. Tal ideia colocou em cena a oposição entre os dois termos, e, nessa esteira, trouxe-nos como herança a noção do tipo “homem não chora”, em oposição “a mulher chora a toa”, ou ainda “mulher tem

O silêncio das sereias, no entanto, sai caro para as brasileiras. É sabido que os índices dos casos de violência contra a mulher são subnotificados. A inexatidão dos dados está relacionada ao silêncio feminino que, muitas vezes, transparece o medo de ser punida pelo crime do qual são vítimas.

A pesquisa do IPEA que mostrou em 2015 que 26% da população brasileira defende a tese de que mulheres que usam “roupas sexys” mereçam ser estupradas evidencia os motivos desse não dizer.

Mas ao expor as cicatrizes deixadas pelo assédio, pelo abuso sexual que sofreram nas redes sociais; as mulheres voltam a ameaçar com seu canto de dor, fragmentado, digitado em 140 caracteres, ou em um pouco mais, no caso do *Facebook*; a segurança de parte dos brasileiros e brasileiras machistas.

Diante deste cenário, iniciativas como a *#primeiroassédio* parecem ter iniciado um processo de mudança. Ao usarem as redes sociais para exporem suas narrativas de vida, suas dores, seus pontos de vista, as mulheres forjam uma nova personalidade.

Não mais de *actante/vítima/ mais de actante/acusadoras, ou de actantes/guerreiras*, ao assumir o protagonismo na luta pela defesa de seus direitos. Até agora, os discursos nas redes sociais mostraram força relativa. O embate com os discursos irônicos, o deboche dos machistas na rede mostra que há muito ainda a se fazer.

Se como defende Machado (2015)^u, a exposição da narrativa de vida dos marginalizados nas redes sociais, da dita “minoría”, contribui não só como argumentos ao favor dos mais fracos, mas serve também como uma forma de apelo à mudança; a continuidade do uso das redes como meio de divulgação das lutas feministas, poderá realmente forjar uma nova percepção do feminino, ou das representações do feminino no Brasil?

Embora seja cedo ainda para saber que efeitos de sentido serão produzidos por esses discursos, a criação de uma memória, mesmo que metálica, relacionada a exposição da voz feminina mostra que a passividade e a submissão feminina já deram origem à debates que colocam em xeque prerrogativas supostamente masculinas como a “cantada”, que, agora, são classificadas como “não desejáveis” pelas mulheres obrigadas a ouvi-las.

Quem sabe, finalmente, as brasileiras estejam alcançando os sentidos da famosa frase de Simone de Beauvoir “*Personne ne naît femme, devient femme*”^v.

REFERÊNCIAS

In: BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo, volume 2**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição, pp. 9-10

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Elizabeth Bastos; DUARTE, Maria Lília Dias. **Convergências Midiáticas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. [Coordenação da equipe de tradução Angela M.S. Côrrea e Ida Lúcia Machado] – 2ª ed. 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Discurso das Mídias**. Tradução: Angela M.S. Côrrea. 2ª ed, 2ª reimpressão- São Paulo. Contexto. 2015.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo e Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro. Contraponto. 2004. 5ª reimpressão

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada dia 2 de dezembro de 1970**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

LÉVY, Pierre. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática**. São Paulo: ARTMED, 1998.

_____. **Cibercultura**. Tradução Carlos Lineu da Costa. São Paulo. Editora 34, 1999

LIMA, Helcira. **Mulheres e emoções em cena**. In: LARA, G.P, LIMBERTI, R.P (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto. 2015. Pág. 161-177

MACHADO, Ida Lúcia. **Narrativa de Vida e Construção da Identidade**. In: LARA, G.P, LIMBERTI, R.P. *Discurso e [des] igualdade social – 1ª edição*. São Paulo – Contexto, 2015.

ORLANDI, Eni. **Conversa com Eni Orlandi**. In: Barreto, Raquel. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez/2006. In: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/analise%20do%20Discurso%20Eni%Orlandi.pdf>. Visto em :25/05/2016.

_____. **A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade**. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109

POSSENTI, Sírio. **Durações históricas e sua relação e sua relação com o público e o privado**. In: LARA, G.P, LIMBERTI, R.P. *Discurso e [des] igualdade social – 1ª edição*. São Paulo – Contexto, 2015.

RIBEIRO, J.L. **Imagens étnicas na construção do feminino brasileiro**. In: **Comunicação: tecnologia e identidade** COUTINHO, I. SILVEIRA, P. M. S Jr. (orgs.) –Rio de Janeiro : Manual X 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das Mídias**. São Paulo. Razão Social, 1992.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humanismo**. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. N 22. Dezembro, 2003.

_____. **A Ecologia Pluralista das Mídias Locativas**. *Revista Famecos*: Porto Alegre, 2008, nº 37 .

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Uma introdução ao estudo do humor pela linguística**. DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990. ISSN/ISBN: 01024450.

In: <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/pedofilos-assediam-participante-do-masterchef-pelo-twitter>. Visto em 29/05/2016.

NOTAS

a) O programa *MasterChef* teve sua versão infantil iniciada no dia 20/08/2015; na TV Bandeirantes, considerada o 4º canal no *ranking* da audiência dos canais da televisão aberta brasileira. Pelo menos 21 crianças, entre 8 e 13 anos participaram do processo. O vencedor ganharia R\$ 150 mil, R\$ 1 mil reais em compras em uma rede de supermercados durante um ano, um carro zero e uma bolsa de estudos em gastronomia na “*Le Cordon Bleu*”, em Paris, na França.

b) Em <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/pedofilos-assediam-participante-do-masterchef-pelo-twitter>. Visto em dia 14/05/2016.

c) Vídeo disponível em <http://lugardemulher.com.br/primeiroassedio/>. Visto em 25/04/2016. Ela resolveu criar então a #primeiroassédio que deu origem a outras campanhas no *Facebook*, e em outros *Twitter*s que foi replicada e deu origem a milhares de mulheres.

d) <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/ipea-reconhece-erro-em-pesquisa-de-estupro-65-era-26>.

f) Dias antes o IPEA havia divulgado, incorretamente, que mais de 70% dos brasileiros consideravam que a mulher que usa roupas curtas são “provocam” seus estupros.

g) http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130925_sum_estudo_femicidio_leilagarcia.pdf.

h) “*Post*” de um internauta anônimo com a #primeiroassédio.

i) In: GRÁCIO, R.A. Resenha de Apologie de la Polémique, de Ruth Amossey. In: AMOSSY, Ruth. Apologie de la polemique. Paris. Presses. Univervistaires de France. Collection dirigée par Michel Meyer, Université de Bruxelles, 2014.

j) Como se trata de um post de *Twitter*, não dá para saber se é uma narrativa “real”, se é uma forma de “causar polêmica” e trazer seu nome de volta à mídia; se é um “relato real”, ou se só foi postado como “um argumento” contrário para ironizar as narrativas dramáticas das mulheres vítimas de assédio. Roger é vocalista da banda “Ultraje a rigor”, que fez sucesso na década de 1980 com hits como “Inútil”.

l) PAVEAU, M.P. **Palavras anteriores**. Os pré-discursos entre memória e cognição. Tradução de Norma Selzer Godstein. Universidade de Paris, 13, França.

m) In: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/10/29/musico-posta-texto-contrario-o-machismo-no-facebook-e-faz-sucesso-na-rede/> Acesso dia 29/10/2015.

n) São Tecnologias da Informação e Comunicação. São todos os suportes capazes de produzir, armazenar e distribuir pela internet conteúdos informativos, simbólicos ou culturais. Como exemplo, podemos citar os computadores, celulares, *tablets*, *smartphones* e *iphones* com câmera e acesso à *web*. Ver em: CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

o) SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humanismo**. In: Revista FAMECOS. Porto Alegre. N 22. Dezembro, 2003.

p) In: LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Lineu da Costa. São Paulo. Editora 34, 1999.

q) No livro DEBORD, Guy, (1967), **Sociedade do Espetáculo**, defende a tese de que mídia impõe um tipo de comportamento às pessoas que ele chama de “Sociedade do Espetáculo”. A mídia faz com que as pessoas consumam bens imateriais como imaginários, representações sociais como o ideal de beleza, por exemplo, que alimentam o consumo de mercadorias, bens de consumo, e serviços como academias e cirurgias plásticas, ideais e pontos de vista defendidos pela classe dominante que, por meio de conteúdos simbólicos, manipularia os conceitos de certo; errado; desejável; felicidade e infelicidade; criando e reforçando estigmas sociais excludentes.

r) Historicidade como condição do que é “histórico”; “historicismo”, ou o conjunto de fatores que condicionam o comportamento de uma pessoa em uma determinada situação.

s) Conselho Brasileiro de Autorregulação Publicitária (CONAR).

t) Ver em: LIMA, Helcira. Mulheres e emoções em cena. In: LARA, G.P, LIMBERTI, R.P (Orgs.). Discurso e (des)igualdade social. São Paulo: Contexto. 2015. Pág. 161-177.

u) Embora numericamente existam mais homens que mulheres no Brasil, as mulheres são normalmente classificadas como “minoria”.

v) In: BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo**, volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição, pp. 9-10.

SOBRE O ORGANIZADOR

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 23

Assédio 193

C

Casamento 151

Científico 224

Criança 60, 180, 183, 188, 191, 192, 202

Cultura 11, 16, 17, 18, 22, 23, 120, 127, 141, 192, 206, 222, 224

D

Dança 8, 110, 111, 153, 155, 162, 163, 164

Desenvolvimento 2, 8, 153, 164, 224, 225, 226, 227

Discurso 36, 39, 50, 52, 62, 64, 66, 75, 76, 77, 83, 87, 88, 89, 90, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 121, 142, 143, 150, 151, 152, 206, 208

E

Ensino 51, 62, 63, 110, 111, 224

Exploração 179, 183, 189, 191, 192

L

Língua 28, 29, 50, 75, 224

Linguagem 24, 35, 50, 51, 75, 99, 151, 164, 206, 224

Literatura 88, 111, 118, 119, 121, 123, 125, 224

M

Machismo 165, 167, 171, 172, 173, 174, 175

Max Weber 7, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15

Mídia 36, 66, 76, 82, 87, 100

Mulher 72, 177

N

Nacionalidade 128

S

Sociologia 2, 5, 1, 3, 4, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 127, 222, 224, 225, 226, 227

T

Tradução 12, 21, 23, 35, 75, 99, 150, 151, 152, 206, 207

V

Violência 166, 177, 178

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-535-8



9 788572 475358